

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

REBECCA LOISE DE LUCIA FREIRE

**UMA TRAJETÓRIA TEÓRICA DO CONCEITO DE PERVERSÃO
NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

**SÃO PAULO
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

REBECCA LOISE DE LUCIA FREIRE

**UMA TRAJETÓRIA TEÓRICA DO CONCEITO DE PERVERSÃO
NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

**Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob orientação
de Prof. Dr. Paulo José de Carvalho.**

**SÃO PAULO
2012**

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos meus pais, Daniella e Luiz Eugênio, pelo amor, sustentação, proteção e apoio; aos meus encantadores irmãos João, Gabriel e Manuella; aos meus tão queridos avós, Vó Clay, Vó Neide e ao eterno Vô De Lucia - que veio a falecer neste ano. Agradecimentos ao Pedro, que certa vez me disse: “*Você não escreve, você psicografa*”. Agradecimentos ao Prof. Dr. Paulo José de Carvalho, pelas excelentes conversas, à Profª Drª Sandra Dias pelo ensinamento e por aceitar ser minha parecerista, ao Prof. Dr. Franklin Goldgrub por despertar meu interesse pela psicanálise, ao Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho por apaziguar minhas dúvidas com uma paciência impecável. Agradecimentos à Elisa, pelo divã, e à Lóri, pela companhia.

RESUMO: A pesquisa teve como objetivo fazer uma revisitação teórica da construção do conceito de perversão na psicanálise de Sigmund Freud. Partindo dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), onde o autor designa a perversão como caráter universal da sexualidade, debruçamos sobre a sua obra a fim de compreender as modificações e a ampliação do conceito de perversão.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, traço de perversão, fantasias perversas, sexualidade perversa, fetichismo.

Soneto do Maior Amor

*Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.*

*E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.*

*Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer - e vive a esmo*

*Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.*

*Vinicius de Moraes
Oxford, 1938*

ÍNDICE

• Introdução	07
- Fundamentação teórica	10
- Objetivos	11
- Metodologia	12
• Capítulo I: Freud e a sexualidade perversa-polimorfa	
- O positivo e o negativo das pulsões sexuais -	13
• Capítulo II: Freud e o complexo de Édipo	
- As fantasias perversas -	23
• Capítulo III: Freud e o Fetichismo	
- A recusa e a Divisão do Ego -	39
• Capítulo IV: Considerações Finais.....	47
• Referências Bibliográficas	52

INTRODUÇÃO

“Vimos que não é cientificamente viável traçar uma linha de demarcação entre o que é psiquicamente normal e anormal, de maneira que esta distinção, apesar de sua importância prática, possui apenas um valor convencional. Estabelecemos assim um direito a chegar a uma compreensão da vida normal da mente a partir do estudo de seus distúrbios – o que não seria admissível se esses estados patológicos, as neuroses e as psicoses, tivessem causas específicas operando à maneira de corpos estranhos.” (Freud, 1940 [1938]/1996, p. 209)

O estudo dos sonhos trouxe elementos que permitiram a compreensão das doenças mentais. A psicologia da consciência, que baseava seus estudos na autopercepção consciente, não tinha material para dar conta da complexidade dos processos da mente. A visão psicanalítica de Sigmund Freud, então, sustenta a sua produção científica com a hipótese de um aparelho psíquico formado por três agências - *id, ego e superego* - de três qualidades psíquicas - *consciência, pré-consciente e inconsciente*.

A investigação de conflitos, como é o estado dos sonhos, caracterizados pela exigência de conteúdos do id inconsciente invadir o ego consciente, fez com que Freud produzisse um material interpretativo conspícuo que o permitiu teorizar sobre o funcionamento do aparelho psíquico. A navegação intelectual do Reino do Ilógico ou, se preferirem, do inconsciente, através do estudo da elaboração onírica, direcionou o pai da psicanálise a entender os estados patológicos das neuroses, das psicoses e das perversões.

A constatação de que a vida sexual inicia-se logo após o nascimento e que uma de suas funções é a obtenção de prazer das zonas erógenas também enriqueceu as teorias sobre os fenômenos psíquicos. As concepções de fase perversas, a saber fase oral, fase anal-sádica, fase fálica, fase genital dizem respeito ao desenvolvimento da sexualidade. A etiologia dos distúrbios do funcionamento do aparelho psíquico – da neurose, psicose, perversão – é investigada no começo de vida de todo sujeito, ou seja, na história de seu

desenvolvimento. Esta ampliação do conceito de sexualidade excluiu a noção de instinto, ligada ao viés biológico. O conceito de pulsão sexual passou a definir a dinâmica do funcionamento do aparelho psíquico.

Não obstante a peculiaridade dos fenômenos da neurose ter sido o endereço mais visitado pelo interesse de Freud, o autor alastrou de maneira imutável o conhecimento acerca do conceito de perversão.

A inauguração do conhecimento acerca da perversão em Freud se deu a partir de referenciais clínicos da Medicina, cujo interesse pela sexualidade marcou o fim do século XIX. Embora tenha tomado emprestado da nosografia psiquiátrica noções para construir seu pensamento, Freud avançou o conhecimento distanciando-se delas. Em 1905, com a publicação dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a perversão passou a designar a sexualidade infantil de maneira universal.

A presente pesquisa teve como intuito fazer uma revisitação teórica do conceito de perversão em toda a vasta obra freudiana. Percorremos um trajeto específico e pouco exaustivo em sua obra, de 1905 às publicações póstumas que datam de 1940, para chegarmos à compreensão das modificações e da ampliação do conceito de perversão. A seleção dos textos para análise foi feita pelo tema. Neste entremes, explicitamos também a sexualidade perversa, as fantasias perversas, os traços perversos até caracterizar, por fim, a perversão enquanto modalidade defensiva perante o complexo de castração.

A fim de organizar cronologicamente a obra de Freud, este trabalho foi dividido em três partes: “Capítulo I: Freud e a sexualidade perversa-polimorfa” - a perversão em relação à pulsão e à sexualidade infantil, “Capítulo II: Freud e o Complexo de Édipo” - a perversão em relação à fantasia e o superego como um mecanismo psicológico para vivenciar o Édipo e se proteger das fantasias incestuosas sob o medo de castração - e, por fim, “Capítulo III: Freud e o Fetichismo” – a perversão em relação à defesa perante o complexo da castração e à formação sintomática.

“Seja gozo do mal ou paixão pelo soberano do bem, a perversão é uma circunstância da espécie humana: o mundo animal está excluído dela, assim como do crime. Não somente é uma circunstância humana, presente em todas as culturas, como

supõe a preexistência da fala, da linguagem, da arte, até mesmo de um discurso sobre a arte e sobre o sexo.” (Roudinesco, 2008, p. 11)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Freud propõe em sua psicanálise três modos de defesa perante a castração: a rejeição (Verwerfung) que leva a psicose, o recalque (Verdrängung) que explica a neurose e a recusa (Verleugnung) que caracteriza a perversão (Vegh, 1989). Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud elucidou o caráter perverso que define a sexualidade de todo ser humano. Cabe, então, fazer uma distinção entre “perversão” e “perversidade”. No dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss e Villa, 2001), perversão tem a definição de “ato ou efeito de perverter(-se)”, “condição de corrupto, de devasso”, “mudança do estado normal”, “termo que designa desvios do comportamento e das práticas sexuais normais ou assim consideradas”. Perversidade é definida como uma “qualidade de perverso”, “ação perversa”, “índole ou caráter ruim, mau”, “corrupção, depravação”, “ação cruel, injusta, contrária às leis e à moral, praticada com a intenção de causar maior dano e sofrimento à vítima”, “desregramento, falsidade”, “desvario”, “malvadeza”, “maldade”. Portanto, de acordo com o dicionário, perversidade tem como sinônimo maldade e perversão designa uma ação desviante dos padrões ditos normais. Elizabeth Roudinesco, em seu livro *“A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos”* comenta sobre o mau uso destes termos:

“Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupa o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente mas por meios de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo.” (2008, p. 13)

OBJETIVOS

Com o intuito de esclarecer o que a perversão designa para a psicanálise, debruçamos sobre artigos da obra completa de Sigmund Freud. Outros recursos teóricos foram utilizados, a fim de auxiliar a compreensão da teoria freudiana, como autores que se dedicaram a comentá-la, como Georges Lanteri-Laura, Luiz Alfredo Garcia-Roza e Carlos Augusto Peixoto Junior. Durante a investigação ilustramos os conceitos estudados a partir da exposição de casos clínicos trazidos por Sigmund Freud.

METODOLOGIA

Pesquisa de natureza teórica. Analisou-se o conceito de perversão ao longo da obra freudiana a partir dos seguintes textos:

- Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)/Vol. VII
- Personagens Psicopáticos no palco (1905)/Vol. VII;
- O Esclarecimento Sexual das crianças (1907)/Vol. IX;
- Fantasias Histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908)/Vol. IX;
- Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna (1908)/Vol. IX;
- Sobre as Teorias Sexuais das Crianças (1908)/Vol. IX;
- Leonardo da Vince e uma Lembrança de sua Infância (1910)/Vol. XI;
- ‘Uma Criança é Espancada’. Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais (1919)/Vol. XVII;
- Além do Princípio do Prazer (1920)/Vol. XVIII;
- A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade (1923)/Vol. XIX;
- O Problema Econômico do Masoquismo (1924)/Vol. XIX;
- A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)/Vol. XIX;
- O Futuro de uma Ilusão/Vol. XXI;
- O Mal-Estar na Civilização (1930 [1929])/Vol. XXI;
- Fetichismo (1927)/Vol. XXI
- A divisão do ego no processo de defesa (1938 [1940])/Vol. XXIII
- Esboço de psicanálise (1938 [1940])/Vol. XIII

CAPÍTULO I

FREUD E A SEXUALIDADE PERVERSA-POLIMORFA

- O positivo e o negativo das pulsões sexuais -

“Uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual, conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações, mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às junções morais” (Freud, 1908/1996, p.177).

Sigmund Freud (1856 – 1939) encerrou as cortinas do pensamento do século XIX ao colocar no palco da ciência médica a controversa ideia de que o ser humano não é autônomo de si mesmo.¹ A plateia, com a razão atordoada, preparou logo os tomates. Com o poder de uma oratória impecável e de um fôlego intelectual surpreendente, convenceu que ainda não era chegada a hora do *grand-finale*. A grande estrela, a psicanálise, ainda estava em processo de palco, digo, parto.

Na atenção dada à figura da histérica, Freud chega à noção do inconsciente, ou seja, de um pensamento “separado da consciência”. Ao dar às fantasias - sustentáculos do desejo - de suas pacientes o papel protagonista de toda a construção da sua psicanálise, Freud passa a investigar as encenações da sexualidade. A investigação dá-se também através dos conteúdos dos sonhos, dos chistes, dos atos falhos e de todas as artimanhas da palavra e da ação.

Em 1905, com a publicação dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o criador da psicanálise transforma a concepção da infância ao afirmar a existência de uma sexualidade infantil, encerrando a esta o enfoque principal do espetáculo analítico – o que mais tarde, somado a outras especulações teóricas, o fez chegar às representações do Complexo de Édipo.

¹ “O Ego não é senhor da sua própria casa” (Freud, 1917/1996, p.153).

Ao conceito de instinto sexual, presente nas explicações psiquiátricas até então, cujo entendimento da sexualidade estava extremamente atrelado a função biológica dos órgãos genitais para fins reprodutivos, é questionado, por Freud, o caráter naturalista desta visada. Com a noção de pulsão sexual como “*representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente*” (1905/1996, p. 159), é postulada a questão do prazer sexual – sobreposta à função da reprodução. Para que o caminho desta chamada pulsão sexual se torne acessível às interpretações e análises, outros dois conceitos foram introduzidos: o de objeto sexual e o de alvo sexual. Em uma nota de rodapé acrescentada em 1910 aos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, Freud distingue a vida amorosa da Antiguidade com a da época ao afirmar que, enquanto os antigos celebravam a própria pulsão sexual e a satisfação desta, os últimos dão maior importância ao objeto sexual da pulsão.

Richard von Krafft-Ebing (1840 - 1902), em seu livro “*Psychopathia Sexualis: eine Klinisch-Forensische Studie*”, datado de 1886, faz uma extensa classificação dos desvios da sexualidade humana entendidas como “aberrações sexuais”, depravações e déficit moral. Com o intuito de examinar cientificamente a patologia da vida sexual, o autor descreve 239 casos de relações sexuais consideradas patológicas. Para não cair nas mãos dos leigos, o livro é escrito em alemão e latim (vide o título da obra). Antes da Revolução Francesa (5 de maio de 1789 – 9 de novembro de 1799) não existia uma preocupação médica ou filosófica em relação à sexualidade, estudava-se as “aberrações sexuais” apresentadas nos “doentes mentais”.

Engajado em explicar a sua teoria psicanalítica, Freud recorre às contribuições da medicina e das nosografias psiquiátricas para desenvolver a sua visão acerca da sexualidade. É da literatura de Krafft-Ebing que o termo perversão é retirado, assim como masoquismo, sadismo, entre outros.

Freud enfrenta a problemática da “normalidade sexual” versus “anormalidade sexual” ao considerar que, diferentemente do instinto, a pulsão não tem um objeto sexual definido, podendo, então, representar-se nos mais variados investimentos pulsionais. Ao atentar-se para todos os detalhes do percurso até o ato do coito em si, os chamados alvos sexuais preliminares, Freud conclui, inicialmente, que “*mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às*

aberrações descritas como perversões” (1905/1996, p. 141). Importando-se ao uso sexual “da mucosa dos lábios e da boca”, “do orifício anal” e na “significação de outras partes do corpo”, Freud não tarda a perceber as vivências auto-eróticas que marcam a infância – dando a elas o substrato da construção da subjetividade. Suas observações o levam a concluir que toda criança tem uma disposição perversa polimorfa. Desta forma, o termo ‘perversão’ perde a designação de uma aberração sexual e passa, então, a denominar o caráter universal da sexualidade. Ou seja, como explica Volnovich:

“(...) para Freud, o sexo antecede ao saber e somente a partir da resolução da sexualidade por parte da criança é possível a organização de um saber sobre o real. Esses fantasmas, de plena conotação sexual, podem ser percebidos tanto na clínica psicanalítica como na vida cotidiana e constituem formas perversas de construção da subjetividade. Amar o próprio corpo, conceber os bebês pela boca, parir pelo ânus, ver e ser visto pelo outro, etc. constituem, assim, formas inerentes à infância. E, mais ainda, o ser humano constitui seu corpo, seu sexo e seu saber em função dessa sexualidade infantil perversa.” (1993, p. 26)

Partindo dessa premissa, de que “*a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana*” (1905/1996, p. 218), é postulado em seus escritos que as possíveis perturbações patológicas da vida sexual são consideradas como inibições do desenvolvimento da sexualidade infantil. É neste viés que Freud atualiza a explicação da neurose de histeria como “*o negativo da perversão*” (1905/1996, p. 157), isto é, como “*uma necessidade sexual desmedida e uma excessiva renúncia ao sexual*” (1905/1996, p. 156). Esta última levaria ao processo de recalque cuja expressão dar-se-ia através dos sintomas somáticos. A perversão, por sua vez, é explicada pelo não recalque dos impulsos, caracterizando-se, assim, como ações compulsivas derivadas da fixação de uma pulsão pré-genital.

Freud, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, ocupa-se somente às explicações da neurose e da perversão a partir da concepção da

existência da sexualidade infantil. Sabe-se que, posteriormente a estes escritos, Freud continuaria a sua investigação para melhor compreender a controversa instância psíquica do “inconsciente”.

No texto “Personagens Psicopáticos no Palco” (1905 [1906]), Freud escreve sobre como o teatro e a literatura despertam no expectador/leitor uma excitação sexual e uma descarga das pulsões, estes dois momentos ocorrem em função do prazer estar atrelado ao sofrimento na identificação do espectador com o herói de uma obra teatral ou do leitor em relação a uma criação literária. Explica este gozo como uma satisfação masoquista perante o sofrimento encenado ou escrito. Todo o sofrer, que inclui a realidade social, o tema da religião e as tragédias amorosas, dá enredo ao drama psicológico. Freud, neste texto, faz a distinção entre neurótico e não-neurótico. Para o neurótico, a identificação com o drama lhe proporciona o prazer pois o recalcamento de suas fantasias exige sempre um gasto renovado, o que faz com que ele próprio se reconheça, se identifique com o “herói”, com o “eu-lírico”. No não-neurótico o drama psicológico pode vir a funcionar como um drama psicopatológico na medida em que o conflito está entre um impulso consciente e um impulso recalcado. Os personagens considerados anormais, seja no palco ou na literatura, proporcionam um pré-prazer por sua habilidade de revelar as fantasias inconscientes através do drama, evitando, assim, as resistências.

Em relação às fantasias inconscientes, Freud, no texto “Fantasias Histéricas e sua relação com a bissexualidade” (1908), define-as como “*satisfações de desejos originários de privações e anelos*” (1908/1996, p. 149). Relaciona estas fantasias com a formação do material onírico, resultado de fantasias diurnas pouco compreendidas pela instância psíquica inconsciente. Os conteúdos destas fantasias inconscientes sempre terão uma conexão com a vida sexual do indivíduo. Neste texto, Freud diferencia as histéricas dos “pervertidos” seguindo, ainda, o axioma de que a neurose de histeria é o negativo da perversão, ideia trazida nos “Três ensaios...” (1905), ao afirmar que os conteúdos das fantasias inconscientes das histerias, convertidas e realizadas na expressão dos sintomas, correspondem às situações vividas na realidade pelos “pervertidos”.

Neste texto, Freud acrescenta à noção de fantasias sexuais a ideia de que o sintoma histérico seria a expressão de fantasias sexuais inconscientes opostas, uma de caráter masculino e outra de caráter feminino:

"A natureza bissexual dos sintomas histéricos, que pode ser demonstrada em numerosos casos, constitui uma interessante confirmação da minha concepção de que, na análise dos psiconeuróticos, se evidencia de modo especialmente claro a pressuposta exigência de uma disposição bisexual inata no homem." (1908/1996, p. 154)

Esta disposição bisexual inata no homem é relacionada com a sexualidade perversa polimorfa, postulada em 1905 nos “Três Ensaios...”, como caráter universal de toda a sexualidade humana. Numa carta aberta (ao Dr. Fürst) intitulada “Esclarecimento sexual das crianças” e datada do mesmo ano da publicação dos “Três Ensaios”, Freud salienta que as satisfações sexuais infantis, denominadas *auto-eróticas*, vão além dos órgãos sexuais propriamente ditos, tais satisfações também são resultados de estimulações de outras partes do corpo (zonas erógenas), pela atividade dos instintos biológicos e por estados afetivos. O processo da puberdade, fase em que o auto-erotismo se desenvolve para o amor objetal e para as funções reprodutoras, pode ser marcado por inibições (repressão/recalque, em alemão, *Verdrängung*) - caracterizando as neuroses - ou fixação nas fases genitais – caracterizando as perversões. Nesta carta o autor aponta que um esclarecimento sem interrupções sobre a vida sexual, por parte da família e pela iniciativa da escola, seria um dos aspectos fundamentais para permitir um bom desenvolvimento da criança.

Em “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa” (1908), Freud discorre sobre alguns efeitos da moral sexual da época ao interrogar se esta moral sexual ‘civilizada’ vale os sacrifícios a que ela impõe:

"Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte de

seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado a evolução da civilização” (1908/1996, p.173).

Freud, então, considera como fator básico à causa das neuroses o fator sexual. Neste texto, além de explicar os sintomas neuróticos como resultado da supressão dos conteúdos sexuais pela atuação repressora, o autor explica os “criminosos” como donos de uma “constituição indomável”; estes, os ditos “criminosos”, não conseguiram concordar com a supressão das pulsões², apresentando distúrbios no desenvolvimento da pulsão sexual. Reforçando as colocações feitas nos “Três ensaios...” (1905), Freud afirma que a sexualidade considerada normal é aquela que se apresenta útil à sociedade. As diversas variedades de *pervertidos*³ continua, então, a ser explicada como “uma fixação infantil a um objeto sexual preliminar [que] impediu o estabelecimento da primazia da função reprodutora” (1908/1996, p. 175). Ainda que Freud reconheça sua incompreensão perante a homossexualidade, o autor a traz como sinônimo de inversão, no qual o objetivo sexual foi defletido para o sexo oposto. Freud distingue os homossexuais (invertidos) dos pervertidos pela aptidão que os primeiros têm para a sublimação cultural. No caso dos indivíduos considerados “pervertidos”, há uma inibição interior e uma paralisia exterior, o que os tornaria inúteis à sociedade. A sublimação seria, segundo Freud, o modo ideal de realização das pulsões reprimidas: a utilização destas pulsões para atividades culturais.

Neste texto, o autor considera dois desfechos possíveis para indivíduos afetados pela pulsão sexual pervertida. O primeiro consiste na permanência do

² Apesar de fazer uso aqui neste trabalho da edição da Imago – que traz a tradução de *trieb* como *instinto* neste e em alguns outros textos da obra de Freud-, optamos por utilizar o conceito de pulsão ao invés de instinto por considerarmos mais adequado.

³ Grifo do autor.

indivíduo afetado pela pulsão sexual pervertida, que continuaria a sofrer as consequências do seu desvio dos padrões de civilização. O segundo desfecho seria a supressão *aparente*⁴ dessas pulsões através da influência da educação e das exigências sociais, que seria o caso dos neuróticos.

“Defini as neuroses como o ‘negativo’ das perversões porque nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente – porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de ‘repressão’, das perversões positivas” (Freud, 1908/1996, p. 177).

Freud, neste texto, explica a luta contra as pulsões poderosas pela força das questões éticas e estéticas da civilização e o quanto a diferenciação do caráter individual se dá justamente pela existência da restrição sexual dada pela sociedade.

Datado de 1908 como o texto abordado acima, em “Sobre as teorias sexuais das crianças” Freud traz a sua síntese sobre a sexualidade infantil baseado em suas observações diretas sobre o comportamento das crianças, nos relatos de lembranças da infância conscientes de neuróticos adultos durante tratamento psicanalítico e das lembranças inconscientes - resultado da psicanálise de neuróticos.

Nesta obra, Freud reafirma que nenhuma criança que seja mentalmente normal e que seja dotada intelectualmente evita os interesses relacionados aos problemas do sexo nos anos que antecedem à puberdade. Todavia, considera que *“as pressões da educação e a variável intensidade do instinto sexual certamente permitem grandes variações individuais no comportamento sexual das crianças, e sobretudo influenciam a época do aparecimento do interesse sexual da criança”* (1908/1996, p. 191).

⁴ Grifo do autor. Freud considera que toda supressão sempre será frustrada, isto é, a consequência desta supressão sempre causará a chamada doença nervosa ou psiconeurose.

Neste sentido, para Freud, as crianças que se tornaram adultos neuróticos apresentavam pulsões sexuais mais fortes e uma tendência precoce à expressão destas pulsões no período da infância, contudo, as teorias sexuais infantis se aplicariam, inclusive, ao desenvolvimento das crianças sadias – que souberam superar os seus complexos.

O interesse da criança para investigar os problemas性ais surge em decorrência de algum acontecimento, seja pelo motivo da chegada de um bebê na sua própria família ou de algum conhecido próximo. O sentimento de perda de carinho e do amor dos pais ou o sentimento egoísta de pensar na necessidade de compartilhar tais mimos com outros despertariam na criança curiosidades. O primeiro enigma, que, segundo Freud, é produto de uma exigência vital, seria descobrir de onde vêm os bebês. Este seria o primeiro possível conflito psíquico da criança: o conjunto das reflexões e opiniões reprimidas - decorrentes da não-aceitação por parte dos adultos de alguns comportamentos da criança. As concepções aceitas, que diminuiriam a investigação da criança, manteriam-se conscientes e dominantes. O conjunto das concepções inconscientes formaria o complexo nuclear de uma neurose – mais tarde denominado de “complexo de Édipo”.

As teorias sexuais infantis consideradas típicas surgem da necessidade da constituição psicossexual da criança. A primeira teoria está relacionada ao desconhecimento das diferenças entre os sexos, na qual as crianças atribuem a todos – homens e mulheres – a posse de um pênis.

A fixação na percepção falsificada, de que todos possuem um pênis, faria com que o menino procurasse seu objeto sexual entre os homens, caso não passasse, no período da puberdade, por uma necessária repressão que fizesse com que a atividade sexual da menina perdesse o caráter masculino, surgindo, desse modo, a mulher.

“Quando, mais tarde, [o indivíduo] vem a conhecer mulheres, elas já não podem mais ser para ele objetos sexuais porque carecem

da atração sexual básica [a posse de um pênis]; na verdade, em conexão com uma outra impressão de sua vida infantil, elas podem causar-lhe repugnância.

“(...) Os genitais femininos, vistos mais tarde, são encarados como um órgão mutilado e trazem à lembrança aquela ameaça [de castração], despertando assim horror, em vez de prazer, no homossexual” (Freud, 1908/1996, p. 196 - 197).

A homossexualidade, assim entendida, mais tarde teria outra explicação. Com o conceito de *identificação*, a homossexualidade deixaria de ser compreendida como uma “inversão” ou “aberração sexual”. Sabe-se, também, que a chamada “percepção falsificada” dos órgãos genitais femininos ganharia outro nome: *renegação* (tradução do alemão *Verleugnung*). A renegação/recusa da diferença sexual foi discutida posteriormente no artigo intitulado “Fetichismo”, no qual Freud faz discussões importantíssimas acerca da perversão enquanto modalidade defensiva perante o complexo de castração.

É no artigo “Sobre a teoria sexual das crianças” em que a expressão “complexo de castração” aparece pela primeira vez. Enquanto nos meninos a ameaça de castração se dá pelo valor atribuído ao órgão (excitações do pênis pela estimulação do órgão com a mão) e no horror de ter este órgão castrado (pela repressão dos pais ou cuidadores de certos comportamentos infantis), na menina o grande interesse pelo órgão masculino é transformado em inveja do pênis, por sentir-se prejudicada e “deficiente”, isto é, “castrada”.

A falta de conhecimento da existência da vagina, “*cavidade que acolhe o pênis*” (1908/1996, p. 198), levaria a segunda teoria sexual infantil, a chamada teoria cloacal, na qual o bebê nasceria pelo ânus, como um excremento.

A terceira teoria sexual típica seria a conclusão da criança, dado o interesse e atenção à relação sexual dos pais - seja por testemunho acidental, por escutar ruídos, etc. – de que seria um “*ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco*” (1908/1996, p. 199), o que Freud

denominou de “concepção sádica do coito”. Para Freud, esta teoria teria uma influência das lembranças obscuras da criança do ato sexual dos pais nos seus primeiros anos, quando ainda dormia no quarto dos pais.

Freud supõe que as crianças, se por acaso evidenciassem manchas de sangue na cama dos pais, teriam uma confirmação de suas teorias. Explica o horror nos neuróticos ao sangue fazendo conexão a esta concepção.

A quarta teoria sexual infantil relacionada, de forma indireta, à origem dos bebês, refere-se à questão da natureza e do conteúdo do casamento dos pais. *“As teorias infantis a respeito do casamento, retidas com freqüência pela memória consciente, têm grande influência na sintomatologia de doenças neuróticas posteriores.”* (1908/1996, p. 201)

Estas quatro teorias sexuais típicas são elaboradas pela influência dos componentes da pulsão sexual. Freud traz exemplo de outra teoria, para ele exclusivamente feminina, na qual é revelada uma predominância da zona erógena da boca: a de que a criança é gerada pelo beijo.

Passado esse período de investigação inicial, a criança, em seu desenvolvimento, continuaria com seus esforços intelectuais a decifrar os enigmas relacionados ao problema do sexo. A atividade sexual masturbatória e um grau de afastamento emocional dos pais exerceriam um papel nestas investigações posteriores. A reação às informações recebidas e adquiridas pelas especulações é de caráter extremamente significativo, segundo Freud. Algumas crianças, devido à repressão sexual “adiantada”, permaneceriam “aparentemente” ignorantes. O conhecimento especulativo da primeira infância dos neuróticos, por exemplo, tornaria consciente através do tratamento psicanalítico. Haveria, também, a rejeição consciente das informações性uais.

A questão dos motivos que conduziriam à repressão (*Verdrängung*) é bastante examinada no artigo “Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”, datado de 1919, com a explicação da construção das fantasias inconscientes e da sexualidade infantil.

CAPÍTULO II

FREUD E O COMPLEXO DE ÉDIPÓ

- As fantasias perversas -

“A fantasia tem sentimentos de prazer relacionados com ela, e por causa deles, o paciente reproduziu-as em inúmeras ocasiões, no passado, ou pode até mesmo ainda continuar a fazê-lo” (Freud, 1919/1996, p. 195).

Freud inicia “*Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*” (1919) expondo que a maioria de seus pacientes diagnosticados com neurose de histeria ou neurose obsessiva trazia no tratamento analítico uma fantasia específica: denominou-a, como sugere o título, ‘*Uma criança é espancada*’. Esta fantasia, quando confessada, trazia sempre em seu relato um sentimento de culpa. Freud estabeleceu que fantasias desta natureza – de espancamento - apareciam antes da idade escolar. Na época, era comum que os professores espansassem os alunos a fim de educá-los. A criança, ao presenciar cenas de espancamento na escola, despertava ou reforçava tais fantasias. Os conteúdos dos livros lidos quando jovens naquele tempo, Freud trouxe exemplos de obras como “*Les Malheurs de Sophie*” e “*A cabana do pai Tomás*”, estimulavam as fantasias de espancamento.

“A criança começava a competir com essas obras de ficção, produzindo as suas próprias fantasias e construindo uma riqueza de situações e instituições, nas quais as crianças eram espancadas, ou eram punidas e disciplinadas de qualquer outra forma, por suas traquinagens e seu mau comportamento”.
(Freud, 1919/1996, p. 196)

A fantasia ‘*Uma criança é espancada*’ estaria relacionada a sentimentos

de alto grau de prazer e quase sempre era seguida de uma satisfação masturbatória ou auto-erótica. No início de suas especulações, Freud não soube estabelecer se o prazer relacionado a esta fantasia era sádico ou masoquista. Todavia, considerou-a como um traço primário de perversão. Esta perversão infantil poderia ser reprimida, substituída por uma formação reativa ou transformada por via sublimatória. Caso não passasse por algum destes processos, poderia persistir até a vida adulta. “(...) *Sempre que encontramos uma aberração sexual em adultos – perversão, fetichismo, inversão – temos motivos para esperar que a investigação anamnésica revele um evento como que sugeri, que conduza a uma fixação na infância.*” (1919/1996, p. 198). Nas suas especulações sobre o caráter sádico ou masoquista das fantasias, Freud considerou que a neurose obsessiva seria o resultado da repressão de um componente sexual prematuro de caráter sádico.

Freud deixa claro neste artigo à ênfase dada as primeiras experiências da criança para elaborar o seu conhecimento teórico. A sua análise demonstrou que as fantasias de espancamento têm um desenvolvimento histórico complexo e que são modificadas quanto ao autor da fantasia e ao seu objeto, conteúdo, bem como quanto ao seu significado.

A primeira fase tem como conteúdo o que Freud expressou de ‘*O meu pai está batendo na criança*’. Esta fantasia tem como significado a gratificação, por parte da criança, de que o pai só ama a ela, isto é, reforça os interesses dos seus sentimentos egoístas. A criança que está sendo espancada estaria privada do amor do pai e está sendo humilhada pelo ato do espancamento. Portanto, esta fantasia estaria no período do amor incestuoso e teria um caráter sádico. Freud compara, neste texto, o fracasso desta fantasia incestuosa com o Destino no mito de Édipo, embora não aponte o obstáculo específico que acabe com este período. Em nota de rodapé acrescentada em 1924, Freud direciona o leitor para o artigo “A Dissolução do complexo de Édipo.”

A segunda fase da fantasia ganhou a expressão ‘*Estou sendo espancada pelo meu pai*’, ou seja, a criança da primeira fase transformou-se

naquela que produziu a fantasia, transformação esta elaborada através da repressão. O sentimento de culpa que se seguiu à repressão gerou a inversão do conteúdo da fantasia, que neste momento tornou-se masoquista. Freud afirma que “*um sentimento de culpa é invariavelmente o fator que converte o sadismo em masoquismo*” (1919/1996, p. 204), todavia, completa em seguida que este não seria o conteúdo total do masoquismo. O impulso do amor ou o amor sexual estaria atribuído ao sentimento de culpa para fazer a convergência da fantasia.

“*Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação⁵, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios*” (1919/1996, p. 205).

Freud considerou as fantasias inconscientes que levam ao ato da masturbação da primitiva infância o ponto central do sentimento de culpa nos neuróticos.

O autor considerou esta segunda fase, “*a fase inconsciente e masoquista*” (1919/1996, p.210), a mais importante das três, pois seu conteúdo continua a encenar na fase final, além de permitir que se detectem, em análise, os efeitos sobre o caráter:

“*Pessoas que abrigam fantasias dessa espécie, desenvolvem uma sensibilidade e uma irritabilidade especial contra quem quer que possam incluir na categoria de ‘pai’. São facilmente ofendidas por uma pessoa assim e, desse modo (para sua própria tristeza), efetuam a realização da situação imaginada de ser espancadas pelo pai*” (Freud, 1919/1996, p. 210).

⁵ Esta frase inicial está grifada pelo autor no texto original. O efeito da regressão é a volta, o retorno a um estágio anterior da organização sexual.

Na forma final da fantasia, a sua terceira fase, a criança aparece como se fosse o espectador da primeira fase – a criança é na verdade substituta da própria criança que criou a fantasia - e o pai permanece sob a forma de autoridade: espancando crianças. Na terceira fase, “(...) *apenas a forma dessa fantasia é sádica; a satisfação que deriva assumiu a catexia libidinal da porção reprimida e, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa está ligado ao conteúdo da porção* [‘ele só ama a mim’]” (1919/1996, p. 206).

Freud constatou, a partir dos casos analisados, que - nas fantasias tanto das meninas quanto nos meninos - a criança espancada é quase sempre do sexo masculino. Esta característica, nas meninas, é explicada no abandono do papel feminino quando a fantasia do amor incestuoso é reprimida, ativando o que Freud denominou de “complexo de masculinidade”.

Na VI parte do artigo “Uma criança é espancada”, o autor acrescenta que na fantasia masculina há uma transformação, expressa na máxima ‘*Estou sendo espancado pela minha mãe*’. A posição passiva do menino, segundo Freud, é derivada de uma atitude feminina em relação ao pai.

Em “Uma criança é espancada...”, Freud, além de esclarecer a gênese das perversões, a essência do masoquismo, de evidenciar a diferença de sexo na dinâmica da neurose e de elucidar o processo da repressão, chegou à conclusão de que o complexo de Édipo é o núcleo da neurose e de que a sexualidade infantil é a protagonista determinante na sintomatologia das diferentes neuroses. As várias fases da “*fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas (...) seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou (...)*” (1919/1996 p. 208).

Afora tais apontamentos, o autor considerou que uma perversão na infância, embora possa haver interrupção (através da repressão) e ficar nos bastidores de um desenvolvimento sexual normal, pode também tornar-se a base para a construção de uma perversão que persista, isto é, que perpetue por toda a vida sexual do sujeito.

“(...) Os pervertidos também fazem uma tentativa para desenvolver uma atividade sexual normal, geralmente durante a puberdade; mas a tentativa não tinha força suficiente e foi abandonada diante dos obstáculos que inevitavelmente se levantam, após o que voltam à fixação infantil de uma vez por todas.” (1919/1996, p. 207)

Os pervertidos, afirmou Freud, que conseguem obter satisfação sexual raramente procuram um analista.

Nos “Três ensaios...” (1905), Freud trouxe a ideia de uma correlação íntima entre sadismo e masoquismo e que, além dessas duas vertentes estarem ligadas a uma mesma perversão, tais vertentes também formariam as características fundamentais e opostas que constituem a vida sexual em geral: sadismo relacionado à atividade (e também ao “masculino” e ao “falo”) e masoquismo relacionado à passividade (e também ao “feminino” e à “castração”).

No início de suas formulações acerca do sadismo e do masoquismo, como vimos no texto “Uma criança é espancada” (1919), o autor explica o sadismo como anterior ao masoquismo, sendo o masoquismo o sadismo voltado para a própria pessoa. Este retorno sobre si mesmo, que caracteriza o masoquismo, segue duas etapas: a primeira diz respeito ao indivíduo que se faz sofrer a si mesmo (como no caso da neurose obsessiva, em que há uma relação com o sentimento de culpa), a segunda seria a situação de fazer com que outro indivíduo (pessoa estranha) lhe provoque dor.

Observando a dualidade pulsional, em “Além do princípio do Prazer” (1920), Freud chega às noções de pulsão de vida e pulsão de morte. Depois de introduzir tais conceitos, Freud afirma a existência de um masoquismo primário, no qual a pulsão de morte – atrelada à libido – é dirigida para a própria pessoa.

O masoquismo secundário define-se pelo retorno do sadismo sobre a própria pessoa. Em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud faz novas elaborações quanto aos conceitos supracitados.

No primeiro parágrafo de “Além do princípio de prazer” (1920/1996, p.17), Sigmund Freud adianta que um dos objetivos centrais de seus estudos é fazer a descrição cada vez mais completa dos processos mentais. Introduz, além das explicações quanto à ‘topografia’ e a ‘dinâmica’, a hipótese em relação ao fator econômico dos eventos mentais, regidos de forma automática pelo princípio do prazer. Para Freud, o prazer e o desprazer estão relacionados à quantidade de excitação presente na mente: o prazer corresponde à diminuição desta quantidade de excitação e o desprazer o seu contrário, a diminuição, portanto.

O autor explica o caminho intelectual da dominância do princípio do prazer por considerar a ideia de que “*o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante*” (1920/1996, p. 18). Contudo, Freud também considera que, apesar de existir uma *tendência*⁶ no sentido do princípio do prazer, a *tendência* pode ser *contrariada* por outras forças ou circunstâncias, de modo que o resultado final também pode revelar desprazer.

A experiência analítica de Freud o faz perceber um exemplo de um inibidor familiar ao princípio do prazer, o *princípio de realidade*. O princípio de prazer funcionaria de acordo com as pulsões sexuais e as do ego no sentido da obtenção do prazer, já o princípio de realidade implicaria nas dificuldades sentidas do mundo externo, este princípio, então, “*exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer*” (1920/1996, p. 20).

Há também o processo de repressão como afastamento da satisfação. Em caso do material reprimido conseguir chegar numa satisfação substitutiva,

⁶ Grifo do autor.

esta satisfação é vivida como desprazer pelo ego. Numa nota de rodapé acrescentada em 1925, Freud elucida que, se conscientes, o prazer e o desprazer sempre estarão ligados ao ego.

Em análises sobre os sonhos que acontecem nas neuroses traumáticas, Freud aposta, também, numa tendência masoquista do ego. Utiliza-se também das brincadeiras elaboradas pelas crianças, uma atividade “normal”, para explicar o prazer e o desprazer envolvidos na produção da brincadeira. Conta sobre a invenção de uma brincadeira (*fort da*) feita por um menino de um ano e meio.

O menininho, apesar de não chorar quando sua mãe saía de casa por algumas horas, tinha o hábito de lançar seus brinquedos para longe. No momento de atirá-los à distância, o garotinho emitia uma expressão caracterizada por Freud como “o-o-o-o”. Esta expressão, segundo à mãe e o próprio Freud, representaria a palavra “*fort*”, palavra alemã que foi traduzida na versão inglesa das obras completas por “*gone*” (ir, partir). A brincadeira de arremessar os brinquedos ganhou ainda mais sentido quando Freud o observou lançar um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele em cima da borda de sua cama encortinada. Quando puxava pela cordinha o carretel para fora da cama, emitia uma expressão ‘da’ (que significa ‘ali) com tom contente. A repetição desse ato (de fazer desaparecer e aparecer o carretel), para Freud, se relacionava à renúncia ao prazer que consistia em não demonstrar seu desconforto no momento em que sua mãe o deixava. A representação da cena do aparecimento e desaparecimento de seu brinquedo servia de compensação à realidade de não ter sua mãe por perto, realidade esta que o tornava passivo à situação. Ao repetir a cena, no entanto, tornava-se ativo na sua experiência, tirando disto um prazer.

Com este exemplo, Freud confirma a dominância do princípio do prazer na economia dos eventos mentais, traz a “compulsão à repetição” como artifício do desejo reprimido, mas confessa que quer chegar além, nas tendências mais primitivas que independem deste princípio.

Com sua experiência no tratamento analítico dos neuróticos, o autor atualiza o objetivo da psicanálise:

“[O paciente] é obrigado a repetir⁷ o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, recordá-lo como algo pertencente ao passado” (1920/1996, p.28).

As reproduções feitas na relação do paciente com o psicanalista (transferência) remontariam à vida sexual infantil do sujeito em análise. No momento do *acted out* em processo analítico, a neurose, denominada por Freud de primitiva, seria substituída pela ‘neurose de transferência’. As resistências por parte do paciente durante o tratamento psicanalítico quanto o material ali reexperimentado teriam origem no ego, semelhante ao processo de repressão. A compulsão à repetição estaria atribuída ao que está reprimido no inconsciente. Quando a isto, Freud escreve:

“Não há dúvida de que a resistência do ego consciente e inconsciente funciona sob a influência do princípio do prazer; ela busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido. Nossos esforços, por outro lado, dirigem-se no sentido de conseguir a tolerância desse desprazer por um apelo ao princípio de realidade” (1920/1996, p. 31).

O destino, para a psicanálise, é determinado por influências ocorridas durante a infância mais primitiva. As brincadeiras infantis, a transferência no tratamento analítico, bem como os sonhos na neurose traumática, também servem para demonstrar que a compulsão à repetição ultrapassa o princípio de prazer. Porém, esta afirmativa – feita no fim da terceira parte do texto “Além do princípio de prazer” - carregava incertezas em seu conteúdo.

⁷ Nesta citação todos os grifos são do autor.

Na parte que se segue, Freud se dedica às definições dos processos da consciência e do inconsciente. Chega, então, ao ponto de considerar que os processos excitatórios ao se tornarem conscientes, esgotar-se-iam. Enquanto que nos processos mentais inconscientes não há um escudo protetor contra as excitações, de modo que há uma predominância dos estímulos interiores dos sentimentos de prazer e de desprazer advindos de tais excitações contra os estímulos exteriores. A projeção seria um recurso de defesa para lidar com as excitações internas, bem como os sonhos. Mas, no caso dos sonhos ocorridos nas neuroses traumáticas ou dos ‘sonhos de castigo’, o princípio do prazer seria insuficiente para abarcar tais processos, o que implicaria na existência de um princípio independente.

“(...) não podemos fugir à suspeita de que deparamos com a trilha de um atributo universal dos instintos e talvez da vida orgânica em geral que até o presente não foi claramente identificado ou, pelo menos, não explicitadamente acentuado” (1920/1996, p. 47).

Embora Freud deixe nitidamente claro no início da VII parte do texto “Além do princípio do prazer” que ainda restava à psicanálise daquele momento a solução da ligação entre os processos pulsionais relacionados à questão da compulsão à repetição, que se esforça na liberação do que está reprimido no inconsciente, e a dominância do princípio do prazer, o autor afirma que este último conceito, o do princípio do prazer,

“é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la baixa quanto possível. (...) a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico” (1920/1996, p. 73).

Mas a que corresponderia este *retorno à quiescência do mundo inorgânico*? Apoiado em estudos da ciência biológica, Freud assente a sua visão dualística da vida pulsional, a divisão feita entre as pulsões de morte e as

pulsões de vida (Eros – “*o qual mantém unidas todas as coisas vivas*” (1920/1996, p. 61)), com a conformidade da distinção feita por Weismann de soma e plasma germinal. Em escritos anteriores a oposição era feita entre pulsões do ego, ou de autoconservação, e pulsões sexuais. A questão-chave que o fez sinalizar a união dos dois conceitos supracitados e colocá-los em oposição a pulsão de morte foi a seguinte: “*Se os instintos de autoconservação são também de natureza libidinal, talvez não existam quaisquer outros instintos, a não ser libidinais?*” (1920/1996, p. 63) Mas se as pulsões de autoconservação eram também sexuais (libidinosas), como definiria o caráter da pulsão de morte? A função do princípio de prazer de retornar à quiescência do mundo inorgânico estaria, portanto, ligada à pulsão de morte. Na obra “O Mal-estar na civilização” (1930 [1929]), que será analisado posteriormente, Freud traz a pulsão de morte como sinônimo de pulsão de destruição.

Freud compara a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte ao trazer como exemplo a polaridade evidenciada entre o amor e o ódio na vida erótica, ou entre a afeição e a agressividade. Retoma, também, a ideia trazida nos “Três ensaios...” (1905) de que há um componente sádico na pulsão sexual e que, no caso deste componente se tornar independente, é possível caracterizá-lo como uma forma de perversão da atividade sexual do sujeito.

Ao indicar os estudos do caráter das fantasias sexuais, no texto “Uma criança é espancada” (1919), que o fez considerar o sadismo como anterior ao masoquismo, Freud, refletindo sobre a indiferença entre o movimento de retorno do objeto para o ego ou do ego para o objeto, acrescenta a possibilidade de haver um masoquismo primário.

Sigmund Freud, no fim da parte VI do “Além do princípio de prazer”, também faz especulações quanto à origem da sexualidade. Cita a teoria de Platão, que diz que os sexos eram divididos em três (o homem, a mulher e a união dos dois) antes de assumir a forma atual da natureza humana. Todos os três possuíam quatro mãos, quatro pernas, duas cabeças, etc. até que Zeus, um dia, resolveu cortá-los em dois. Assim feito, as metades separadas passaram a desejar o encontro, para que, desse modo, pudesse se reunir

numa só. Com base nesta teoria, o autor da psicanálise faz inúmeras questões, chegando à problemática da forma das células germinais.

Apesar destas investigações não terem chegado a uma conclusão científica, Freud, com “Além do princípio do prazer”, deu um golpe de sorte – expressão utilizada por ele. Ampliou o conceito da sexualidade ao evidenciar que as pulsões de auto-conservação também eram pulsões sexuais, notando a regularidade com que a libido é retirada do objeto para se dirigir ao ego (esta libido foi denominada de libido narcisista) e introduziu o conceito de pulsão de morte. Como já mencionado, dez anos depois da publicação deste texto, em “O Mal-estar na Civilização”, Freud caracteriza com mais definições as manifestações da pulsão de morte.

No primeiro capítulo deste trabalho, com a discussão dos textos “Três ensaios...” (1905), “Personagens psicopáticos no palco” (1905), “O esclarecimento sexual das crianças” (1907), “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade” (1908), “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908) e “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908), vimos como Freud traz as polaridades sadismo/masoquismo como um caráter, respectivamente, masculino/feminino ou, ainda, ativo/passivo. Outra polaridade se concentra na diferença de interior/exterior ou eu (sujeito)/mundo exterior (objeto). Neste segundo capítulo, primeiramente com a obra “Uma criança é espancada” (1919), a oposição satisfação/sentimento de culpa marca a construção das fantasias incestuosas. Na análise destas fantasias inconscientes, Freud conclui que o prazer relacionado a elas seria de caráter sádico e que, com o sentimento de culpa - resultado da repressão - o conteúdo das fantasias se tornava, então, masoquista. Portanto, os traços primários de perversão ou traços perversos que marcam o processo do complexo de Édipo na infância são característicos ao desenvolvimento de todos os seres humanos. Depois, em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud traz os pares de opostos prazer/desprazer, pulsão de vida/pulsão de morte e faz uma nova suposição, a de que o masoquismo *pode* ser anterior ao sadismo. Estas polaridades supracitadas também fazem parte da regulação do funcionamento psíquico dos considerados normais – neuróticos – e dos “anormais” –

pervertidos. É, então, no texto de 1924, “O problema econômico do masoquismo” que Freud define a existência de um masoquismo primário – ou erógeno. Traz também definições quanto ao masoquismo secundário ou feminino, o masoquismo moral e levanta considerações sobre o sadismo.

No início do texto “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud define como misteriosa a existência da tendência masoquista na vida pulsional de todos os seres humanos já que o principal objetivo do princípio de prazer é a *evitação do desprazer e a obtenção do prazer* (1924/1996, p. 177). Na tarefa de investigar o relacionamento do princípio de prazer com as pulsões de vida e de morte, Freud considera a existência de tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão. Para justificar tal afirmação, traz o exemplo do estado de excitação sexual. Na discussão de argumentos já levantados quatro anos antes, em “Além do princípio de prazer”, Freud reafirma que:

“O princípio de Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte, o princípio de prazer representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de realidade⁸, representa a influência do mundo externo.” (1924/1996, p.178)

Ao considerar possíveis conflitos como resultados dos diferentes objetivos de cada princípio, Freud volta a afirmar que o princípio de prazer é o vigia da vida de cada ser humano.

Com a divisão feita do masoquismo em três formas – erógeno, feminino, moral – Freud diferencia os masoquismos que caracterizam uma patologia (ligada às perversões) e o masoquismo que caracteriza a neurose, mais precisamente a neurose obsessiva.

Tanto o masoquismo feminino quanto o masoquismo moral têm a sua base no masoquismo erógeno, que se define como prazer no sofrimento.

⁸ Grifos do autor.

Considerando as pulsões de vida e pulsão de morte operantes no ser humano, ideia trazida no “Além do princípio de prazer”, Freud atualiza a estrutura psíquica do masoquismo primário como uma porção da pulsão de morte que ficou libidinalmente presa dentro do organismo, enquanto que o sadismo é a parte da pulsão de morte que se coloca à serviço da função sexual numa transposição para o mundo externo. No masoquismo erógeno, então, houve uma fusão entre as pulsões de vida e de morte, esta fusão acompanha a libido por todas as fases evolutivas de desenvolvimento: na fase oral (o medo de ser devorado pelo pai), na fase anal-sádica (de ser maltratado/espancado pelo pai), na fase fálica (de ser castrado pelo pai) e na fase genital (de ser copulado e de dar à luz um bebê). Nesta última fase, o masoquismo em questão é o feminino. Embora Freud apenas se baseie no material de observação e análise dos homens, este masoquismo ganha o nome de ‘feminino’ por colocar o homem numa posição característica ao feminino, de ora castrado ora copulado, ou, ainda, de dar nascimento a uma criança. Freud também reconhece uma característica infantil neste masoquismo – marcada pelo ato de masturbação no qual se concluem as fantasias inconscientes (trabalhadas principalmente no texto “Uma criança é espancada”).

“Os desempenhos da vida real de pervertidos masoquistas harmonizam-se completamente com essas fantasias, quer sejam os desempenhos levados a cabo como um fim em si próprio, quer sirvam para induzir potência e conduzir a ato sexual. Em ambos os casos – pois os desempenhos são, no fim das contas, apenas uma execução das fantasias em jogo – o conteúdo manifesto é ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado a uma obediência incondicional, sujado e aviltado” (1924/1996, p. 179).

O sentimento de culpa, que caracteriza o último masoquismo, o moral, também encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas; o sujeito imagina ter cometido algum crime que será ‘pago’ somente pelo seu

sofrimento.

Na última forma de masoquismo, o masoquismo moral, o que importa é o sofrimento em si – há, segundo Freud, um afrouxamento na vinculação com a sexualidade: “*o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe*” (1924/1996, p. 183). O sentimento de culpa pode, inclusive, ser a própria satisfação do masoquista. Freud prefere denominar como ‘necessidade punição’ ao invés de ‘sentimento inconsciente de culpa’, já que para ele os sentimentos não podem ser descritos como ‘inconscientes’. Para Freud, a consciência de culpa é uma tensão entre o ego (ideal) e o superego (exigências). O superego, como consciência em ação no ego, como substituto do complexo de Édipo e como representante tanto do id quanto do mundo externo, “*pode então tornar-se duro, cruel e inexorável contra o ego que está a seu cargo*” (1924/1919, p. 185).

O sujeito do masoquismo moral busca punição tanto do superego como dos poderes externos; a necessidade de punição às mãos de um poder paterno externo lhe é inconsciente. No masoquismo moral há uma regressão da moralidade para o complexo de Édipo.

“*A fim de provocar a punição desse último representante dos pais [do grande poder parental do Destino], o masoquista deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real*” (1924/1919, p. 187).

No fim do texto aqui discutido, Freud – fazendo referência a Kant – afirma que a fonte do senso ético individual, da moralidade, é o complexo de Édipo. A regressão que acontece no masoquismo moral – da moralidade para o complexo de Édipo -, o desejo de ser tratado como uma criança travessa no masoquismo feminino e o sadismo (que é a introjeção da pulsão de morte que antes era jogada para fora, para o mundo externo) aparecem como ‘falhas’ no desenvolvimento moral do ser humano. Estaria aí a caracterização da

perversão?

As considerações discutidas acima acerca do masoquismo e do sadismo servem como exemplo de ações da pulsão de morte, nas quais há uma fusão com a pulsão de vida: uma aliança da agressividade à função sexual. No “Mal-estar na civilização” (1930), Freud define os seres humanos como “criaturas entre cujos dotes *instintivos* deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade” (1930/1996, p.116), isto é, para além do par masoquismo e sadismo, a pulsão de morte é autônoma e aparece como uma potência destrutiva. Essa ‘quota de agressividade universal’, chamada também, por Freud, de hostilidade primária, explica a capacidade do homem de explorar o próprio homem, de fazer do próximo o seu objeto sexual, de humilhar, causar sofrimento e assassinar o seu semelhante. Em nome de Eros, a civilização, então, cobra da besta selvagem do homem árduos sacrifícios.

“A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob o controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem” (1930/1996, p. 117).

No fim da VI da obra “O mal-estar...”, Freud retifica o significado da evolução da civilização, trazido inicialmente em “A moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908), que consiste na luta da espécie humana pela vida. Para que a haja a ampliação da unidade cultural, diz Freud, há, principalmente, uma restrição sexual que “constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou” (1930/1996, p. 109): a proibição do incesto. Como vimos no início deste

capítulo, os fantasmas incestuosos que aparecem sob a construção das fantasias inconscientes operantes no complexo de Édipo são de caráter universal para a constituição do sujeito.

Um dos meios que a civilização utiliza para inibir ou livrar-se da agressividade humana foi apresentado acima, na discussão do “O problema econômico do masoquismo”. A introjeção ou internalização da pulsão de morte no próprio ego aparece na tensão entre o ego e superego e se expressa no que Freud denominou de “necessidade de punição”. O superego, então, funciona como um agente interior das regras da civilização: “*O superego atormenta o ego pecador com o mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo externo*” (1930/1996, p. 129). A renúncia pulsional seguida da internalização da autoridade se realiza, então, através da existência do superego. A dissolução do complexo de Édipo, por sua vez, origina o estabelecimento do superego e, com ele, o sentimento de culpa – característica primordial da neurose, na qual o sintoma é uma forma substitutiva de satisfazer os desejos sexuais não realizados.

“*Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade*” (1930/1996, p. 94).

Colocada esta ilustração dos mecanismos da neurose, Freud novamente nos faz pensar que a perversão seria o positivo da neurose, ou seja, seria a recusa da abolição ou redução das exigências da sociedade. No próximo capítulo far-se-á concluída a revisitação do conceito de perversão na obra de Freud com a discussão do que o autor levantou em “Fetichismo” (1927), “A divisão do ego no processo de defesa” (1940 [1938]) e “Esboço de Psicanálise” (1940 [1938]).

CAPÍTULO III

FREUD & O FETICHO

- a recusa e a divisão do ego -

As ideias trazidas no texto “Fetichismo” (1927) basearam-se no estudo analítico feito por Freud de casos de homens em que a escolha objetal era feita em torno de um substituto do pênis/falo da mulher (mãe), caracterizado como fetiche. Já no início do texto Freud pontua a baixa freqüência na busca destes homens pela psicanálise, visto que este tipo de quadro é acompanhado por sofrimento em raras situações. O fetiche, segundo Freud, nunca aparece inicialmente em análise, costuma ser uma ‘descoberta subsidiária’.

O primeiro caso em que Freud relata as possíveis circunstâncias envolvidas na escolha de um fetiche trata-se de um jovem inglês que em determinada época de sua vida mudara-se para a Alemanha. Este jovem, embora tivesse sido criado na Inglaterra, esquecera sua língua materna. O fetiche deste moço consistia em uma parte do corpo, no caso, o nariz; a precondição fetichista, por sua vez, era o brilho do nariz. Para compreender esta precondição fetichista, Freud recorre à tradução da expressão em alemão trazida em análise, a saber: ‘*Glanz auf der Nase*’ (em alemão) seria ‘*Glance at the nose*’ (em inglês); ‘glance’ tem a tradução de vislumbre. Freud chega à conclusão, então, de que o fetiche tem origem na primeira infância.

Na análise de todos os casos que tinha ao seu alcance, Freud diz que a solução de todo fetiche demonstra o mesmo significado e propósito: o fetiche aparece como substituto para o pênis perdido. Este pênis perdido é o pênis específico da primeira infância, o pênis da mulher (mãe) que aparece nas teorias infantis de toda criança.

No primeiro capítulo, com a análise de “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908), trouxemos que o desconhecimento das diferenças entre os性os relaciona-se com a primeira teoria sexual infantil: a de que tanto homens quanto mulheres têm a posse de um pênis.

Com o texto “A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade” (1923), Sigmund Freud acentua que a aproximação da vida infantil à do adulto não está apenas ligada ao fato do surgimento da escolha de um objeto, mas também o interesse nos genitais e em suas atividades ganha uma importante significação. A organização genital infantil se difere da organização final do adulto pela questão de que, nas crianças, há uma primazia do falo. Situações accidentais que colocam, no caso dos meninos, a criança frente ao órgão sexual feminino ou na suspeita de que existe na mulher algo de diferente fazem com que os pequenos humanos descubram que o pênis não é uma possessão universal. A falta de um pênis na mulher serve como confirmação de que a castração é possível. Sandór Ferenczi, em 1923, ilustra o horror à impressão do órgão sexual feminino com a cena mitológica da cabeça de Medusa. A depreciação e o horror às mulheres e o homossexualismo derivariam, segundo Freud, desta cena do horror.

Em primeira instância, as crianças rejeitam (*leugnen*)⁹ as impressões decorrentes da observação da diferença anatômica. A generalização de que as mulheres não têm pênis ocorre quando há o contato da criança com o fato de que somente as mulheres podem dar à luz a outra criança. Contudo, a mulher não ter pênis não significa que a mulher tenha uma vagina. Outras teorias infantis tentarão dar conta da transformação do pênis em bebê. Na puberdade, então, a polaridade sexual de “órgão genital masculino” e “ser castrado” passa a ser “masculino” e “feminino”. “A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo do pênis; ingressa na herança do útero” (1923/1996, p. 161).

Voltando ao texto de 1927, o fetiche, então, aparece como um meio de preservar da extinção este pênis específico; aparece como uma recusa

⁹ No “Dicionário comentado do Alemão em Freud” (1996), Luiz Hanns sublinha que *leugnen* significa “contestar, ou questionar a existência ou validade”.

(*Verleugnung*)¹⁰ do menino em acreditar que a mulher (mãe) não tem pênis. A ameaça de castração permeia a construção do fetiche pois, ao negar a castração da mulher, há uma proteção narcísica em relação ao seu próprio órgão. Contudo, esta negação não é completa. Embora haja a observação de que a mulher não possui um pênis, a crença de que a mulher possui o órgão é retida sob a criação do pênis substituto em forma de fetiche.

“Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Também salva o fetichista de se tornar homossexual, dotando as mulheres da característica que as torna toleráveis como objetos sexuais” (1927/1996, p. 157).

A explicação, segundo Freud, para o que faz alguns homens se tornarem homossexuais frente à visão do órgão feminino e que faz outros criarem o fetiche ao invés de, como nos neuróticos (normais), superarem a diferença anatômica não foi alcançada. Todavia, Freud supõe que o fetiche é instituído antes da impressão estranha e traumática da observação do órgão feminino. Traz exemplos do pé ou sapato, de peles ou veludo e de peça de

¹⁰ Neste texto a Editora Imago traduz Verleugnung por rejeição. A palavra alemã Verwerfung também recebe a tradução de rejeição, segundo Hanns. Contudo, os substantivos Verleugnung e Verwerfung designam diferentes modos de defesa perante à castração. Eis, então, a importância de recorrer ao dicionário de Hanns para esclarecer o significado de tais termos para compreender a diferença entre os mecanismos de defesa ao complexo de castração propostos por Sigmund Freud. Sobre o verbo verleugnen, Hanns explica que este termo “é freqüentemente traduzido por “negação”, às vezes por “rejeição”, “recusa”, ou ainda “repúdio”. Trata-se de um tipo específico de “negação” que se aproxima de “desmentir” e “renegar”. A palavra alemã verleugnen permanece ambígua entre a verdade e a mentira. Seus significados podem referir-se a: 1) desmentir algo; 2) agir contra a própria natureza; 3) negar a própria presença (quando usado na forma reflexiva significa “mandar dizer que não está presente”). O termo quase sempre se refere a uma tentativa de negar algo afirmado ou admitido antes. Freud o descreve como mecanismo de defesa em diversos contextos, notadamente quando aborda a psicose e no artigo “Fetichismo” (1927)” (1996, p. 303). Quanto à Verwerfung, Hanns diz que este termo “é traduzido frequentemente por “forclusão”, “preclusão”, “rejeição”, e ainda por “repúdio”, “recusa” e “condenação”. Werfen significa literalmente arremessar”, “atirar”, “jogar”, “lançar”, etc. A palavra verwerfen pode significar “descartar algo por considerar inútil ou inadequado” e “condenar moralmente”. Conotativamente, o termo alemão evoca a ideia de “descartar” e “eliminar” um material rejeitado” (1996, p.368).

roupa interior como fetiches por caracterizarem a possível cena que antecede a descoberta traumática.

Numa recapitulação sobre a sua teoria quanto à diferença entre neurose e psicose, na qual a primeira consistiria na repressão/Verdrängang do ego a serviço da *realidade* de um fragmento do id e a segunda numa influência do id desligando-se de *um fragmento de realidade*, Freud percebe que é possível encontrar uma recusa/Verleugnung de algum fragmento de realidade na neurose e, também, tendo neste momento discutido os caminhos da perversão, na recusa da castração feminina na construção do fetiche. Além disto, chega à constatação de que há uma atitude dividida em relação à realidade: pode-se tanto negar e afirmar esta realidade ao mesmo tempo: “(...) tanto a *rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche”* (1927/1996, p. 159).

O fetichista pode tanto tratar o fetiche como um triunfo para obtenção do seu desejo como, também, uma representação da ameaça da castração. No caso do ‘coupeur de nattes’ (cortador de tranças), cortar cabelos femininos simboliza a necessidade de executar a castração que ele próprio rejeita. Esta atitude dividida ocasiona uma divisão (split) psíquica - construção teórica esta que será abordada a seguir, com a análise de outros dois textos de Freud.

Embora Freud não tenha explicitado a perversão como outra *estrutura*, além da neurose e da psicose, o autor confirma neste estudo a existência de outro modelo de defesa perante o complexo de castração. Outrossim, traz o fetiche do perverso como um modo de se defender do horror da castração ao negá-la e reafirmá-la, isto é, através da *percepção negada*.

No texto “A divisão do ego no processo de defesa” (1940 [1938]), S. Freud discute que na existência de duas reações contrárias ao conflito há uma divisão (*splitting*) do ego. Ilustra este mecanismo descrevendo a seguinte situação. Diante de uma forte exigência pulsional, o ego de uma criança costuma obter satisfação desta pulsão. Um acontecimento exterior, então, surge na vida desta criança e serve como aviso: a satisfação em questão poderá lhe resultar num *perigo real quase intolerável* (1940 [1939]/1996, p. 293). O conflito que se instaura diz respeito, assim, à exigência pulsional versus proibição da satisfação por parte da realidade. Para a resolução deste conflito, há pelo menos duas possibilidades: o reconhecimento do perigo real e

a renúncia à satisfação; ou a rejeição (renegação) do perigo real (realidade) e a continuação da obtenção de prazer (satisfação). Contudo, há também outra possibilidade que se define pela tomada simultânea dos dois cursos supracitados. Deste modo, a pulsão conserva a satisfação e o reconhecimento da realidade se faz presente. A fenda no ego aparece como consequência a esta forma de resolução do conflito. “*A função sintética do ego, embora seja de importância tão extraordinária, está sujeita a condições particulares e exposta a grande número de distúrbios*” (1940 [1938]/1996, p. 293).

Para dar mais sustentação ao seu esquema de pensamento, Freud traz um caso clínico de fetichismo. Um menino de três ou quatro anos de idade, ao ser seduzido por uma menina mais velha, fica diante dos órgãos genitais femininos. A relação entre estas duas crianças se encerra e o garoto continua a estimulação sexual por meio da masturbação. Não tarda muito, o garoto é surpreendido no ato da masturbação pela babá e ameaçado de castração - castração esta que seria realizada pelo seu pai. A lembrança da visão do sexo feminino juntamente à ameaça de castração pode servir para confirmar a realidade do perigo da castração. O resultado normal, segundo Freud, diante do horror da castração, seria abandonar inteiramente ou em parte a satisfação pulsional (masturbação), obedecendo à proibição. Neste caso, porém, o menino cria um substituto para o pênis que sentia falta nos órgãos genitais femininos, isto é, cria um fetiche que o livra, por assim dizer, de reconhecer o falo perdido da mulher – o que veio a invalidar a possibilidade de ser castrado. Houve um afastamento da realidade como nos casos de psicose; o menino, além de contradizer sua percepção e alucinar um pênis, fez um deslocamento de valor, ou seja, “*transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo*” (1940 [1938]/1996, p. 295). A consequência prática é a não interrupção da masturbação. O fetiche, todavia, representa o reconhecimento do perigo.

Além das considerações descritas acima, Freud comenta que, nesta história clínica, o menino produziu outro sintoma: sofria de ansiedade quando havia a possibilidade dos seus dedos dos pés serem tocados. A explicação dada é a de que, embora houvesse as duas reações contrárias – entre rejeição e reconhecimento da realidade -, o medo da castração continuava a apresentar esta como possibilidade. No exemplo clínico trazido no texto Fetichismo (1927), do ‘coupeur de nattes’ (cortador de tranças), o ato de cortar cabelos de

mulheres servia como símbolo da realização da castração, embora houvesse a rejeição em relação a esta.

No capítulo VIII do texto “Esboço de psicanálise” (1940 [1938]), intitulado “O aparelho psíquico e o mundo externo”, Sigmund Freud reforça a sua hipótese da existência de um aparelho psíquico cujo desenvolvimento dá-se pelas exigências vitais para acentuar o terreno das ampliações de conhecimento - entre elas a construção teórica da divisão do ego - trazidas à luz da psicanálise, o qual abre espaço para novas descobertas.

Ao discursar sobre as funções psicológicas do ego, Freud se volta ao período da infância que antecede o complexo de Édipo, no qual o ego se desenvolve na atormentada tarefa de autopreservação dos perigos do mundo externo e do mundo interno (id). O temor de perda do amor dos pais, que amparam e protegem a criança da realidade externa, tem grande influência na resolução do complexo de castração. Freud menciona uma *pré-condição essencial da neurose* (1940 [1938]/1996, p. 214) no modo de defesa das repressões (recalque) às excitações do período sexual primitivo. As chamadas repressões, operadas pelo ego imaturo, têm eficiência *inadequada* visto que apenas momentaneamente dominam as exigências pulsionais. Apesar de Freud afirmar que se evitaria a neurose caso fosse concedida à vida sexual infantil uma liberdade de ação, o autor não tarda em pontuar nas linhas seguintes que o ato de represar a pulsão sexual em função do mundo externo e contra o mundo interno faz com que o homem se satisfaça, mesmo que parcialmente, através de outras atividades – a disposição para com a cultura seria a mais valorizada. Abordamos brevemente a relação da satisfação substituta com a evolução da civilização no primeiro capítulo deste trabalho com a análise de “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa” (1908) e no fim do segundo capítulo com “O mal-estar na civilização” (1927) e “O problema econômico do masoquismo” (1924).

A leitura das obras freudianas nos faz entender a neurose como o modo normal de defesa ao complexo de castração, em que há a repressão (*Verdrängung*) das pulsões. Em relação aos casos de psicose, Freud nos conduz à explicação de que as reivindicações contrárias do id e do mundo externo (realidade) feitas ao ego faz com que a realidade se torne quase intolerável e as pulsões fortemente exigentes e intensificadas. A confusão

alucinatória é um estado que representa o afastamento da realidade do mundo externo nos casos de psicose. Freud enfatiza que existe nos distúrbios mentais um afastamento da realidade, mas *raramente ou, talvez, nunca* (1940 [1938]/1996, p. 215) um desligamento total do ego em relação ao mundo externo. Tanto na neurose como na psicose, há uma divisão (split) do ego consequente às duas atitudes psíquicas, de levar em conta a realidade e de não considerá-la, isto é, de um desligamento do ego em relação à realidade. Todavia, Freud menciona uma pré-condição para uma psicose caso a segunda destas duas atitudes psíquicas se torne mais forte, isto é, tenha maior energia psíquica.

“Seja o que for que o ego faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo ou irrestrito. O resultado sempre reside em suas atitudes contrárias, das quais a derrotada, a mais fraca, não menos que a outra, conduz a complicações psíquicas. Para concluir, é necessário apenas apontar quão pouco de todos estes processos se torna conhecido de nós através da nossa percepção consciente” (Freud, 1940 [1938]/1996, p. 128).

Freud salienta uma diferença *topográfica ou estrutural* (1940 [1938]/1996, p. 217) na neurose, na qual uma das duas atitudes em relação a algum comportamento estaria ligada ao ego e a outra ao id.

A anormalidade do ego (*splitting of the ego*) engloba, como já trazido neste capítulo, as *perversões* (termo utilizado no plural no texto aqui analisado). O fetichista “*nega, portanto, a sua própria percepção sensorial, que lhe mostrou que falta um pênis aos genitais femininos, e aferra-se à convicção contrária*” (1940 [1938]/1996, p. 216). O processo da construção de um substituto simbólico do pênis é particular neste caso. O fetiche, semelhante ao que acontece nos sonhos, é uma conciliação formada através do deslocamento, onde é atribuído a uma parte do corpo ou a algum outro objeto o valor do pênis perdido da mulher.

No fim do capítulo VIII do “Esboço de psicanálise”, S. Freud ratifica que a negação das percepções é um modo pelo qual o ego encontra uma possível saída para desviar as exigências da realidade. A renegação, entretanto, é sempre uma tentativa incompleta de desligamento da realidade, isto é, “*a negação [renegação] sempre é suplementada por um reconhecimento*” (1940 [1938]/1996, p. 217). A intensidade de cada uma das atitudes contrárias que resultaram na divisão do ego, segundo Freud, é o que diferencia a neurose da psicose e estas duas da *perversão*.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira grande engenhosidade intelectual inaugurada por Sigmund Freud, que efervesceu a definição da perversão até então, está no aforismo “a neurose é o negativo da perversão”, cujo significado é o de que, enquanto na neurose o recalque das pulsões se expressa via sintoma, nas perversões há a satisfação das pulsões no nível da conduta real.

“Assim, esse conjunto de considerações permitiu a Freud, em 1905, propor uma psicopatologia das perversões, que aliás explicou, principalmente, as perversões de objetivo. As perversões do objeto foram esclarecidas com observações menos sistemáticas, que Freud retomaria mais tarde a propósito do narcisismo” (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 81-82).

Segundo Lanteri-Laura, o viés analítico de Freud desloca o objetivo da Medicina, que concerne na busca da etiologia (hereditariedade, predisposição, degenerescência, meio ambiente e biografia); o discurso freudiano traz recursos para a pesquisa dos mecanismos da produção das perversões, apesar de fazer referência, também, a um determinismo biológico. Uma das diferenças primordiais entre os estudos positivistas com a teoria freudiana é a de, enquanto os primeiros caracterizam o perverso como doente, “menos humano” ou monstros, “aberrações sexuais”, para a segunda todo ser humano normal é um ex-perverso.

Em 1905, com a publicação dos “Três ensaios”, o normal era

“(...) aquele que havia ultrapassado satisfatoriamente toda a sexualidade infantil, em si perversa polimorfa, e, em vista disso, ele era apenas, no máximo, um ex-perverso, ou até um perverso honorário, cuja normalidade, assim adquirida secundariamente, tanto através da proibição do incesto quanto da castração, bem

podia voltar a se transformar numa perversão atual" (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 85).

Portanto, nesta época do pensamento freudiano, a normalidade passou a ser entendida como uma ultrapassagem de fases perversas da sexualidade infantil; e as perversões, por sua vez, como regressão ou fixação em alguma destas fases.

Se em 1905 Freud aproxima o perverso da normalidade, em 1914, com a observação dos primeiros objetos sexuais das crianças que o levaram a constatar uma libido narcísica e uma libido objetal, os perversos – desequilibrados por sua escolha objetal narcísica – agora se aproximam dos distúrbios mentais mais graves e se distanciam das “variações da norma”: “(...) O adulto normal continua a ser um antigo perverso polimorfo, mas, como chegou a uma prevalência da libido objetal, já não tem nada em comum com os que, psicóticos ou perversos, continuam na libido narcísica” (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 123).

Com a investigação da fantasia inconsciente “Uma criança é espancada”, freqüentemente marcada no discurso apresentado em análise, delinearam-se os traços primários de perversão que fazem parte do processo do complexo de Édipo e que são característicos ao desenvolvimento de todo ser humano. Freud considerou que uma perversão na infância, embora possa haver interrupção (através da repressão - *Verdrängung*) e ficar nos bastidores de um desenvolvimento sexual normal, pode também tornar-se a base para a construção de uma perversão que persista, isto é, que perpetue por toda a vida sexual do sujeito. O que faz a evolução dos traços perversos configurar a vida sexual normal, a neurose ou a perversão ainda é incerto na teoria.

Em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud traz os pares de opostos prazer/desprazer, pulsão de vida/pulsão de morte e faz uma nova suposição, a de que o masoquismo *pode* ser anterior ao sadismo. Estas polaridades supracitadas também fazem parte da regulação do funcionamento psíquico dos considerados normais – neuróticos – e dos “anormais” – *pervertidos*. É, então,

no texto de 1924, “O problema econômico do masoquismo” que Freud define a existência de um masoquismo primário – ou erógeno. Traz também definições quanto ao masoquismo secundário ou feminino, o masoquismo moral e levanta considerações sobre o sadismo.

As considerações acerca do masoquismo e do sadismo servem como exemplo de ações da pulsão de morte, nas quais há uma fusão com a pulsão de vida: uma aliança da agressividade à função sexual. No “Mal-estar na civilização” (1930), Freud define os seres humanos como “*criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade*” (1930/1996, p.116), isto é, para além do par masoquismo e sadismo, a pulsão de morte é autônoma e aparece como uma potência destrutiva. Essa ‘quota de agressividade universal’, chamada também, por Freud, de hostilidade primária, explica a capacidade do homem de explorar o próprio homem, de fazer do próximo o seu objeto sexual, de humilhar, causar sofrimento e assassinar o seu semelhante. Em nome de Eros, a civilização, então, cobra da besta selvagem do homem árduos sacrifícios.

“*Modificações nas proporções da fusão entre os instintos apresentam os resultados mais tangíveis. Um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto uma nítida diminuição no fato agressivo torna-lo-á acanhado ou impotente.*” (Freud, 1938 [1940], p. 162)

Segundo Lanteri-Laura,

“*A partir daí, um dos aspectos clínicos das perversões, em vez de entrar numa determinação psicogenética que remeteria à história singular do indivíduo, aparece relacionado com uma instância metapsicológica, certamente muito aterrorizante, mas que não pode ser explicada pelas contingências comprehensíveis de uma vida, nem tampouco, aliás, por uma articulação diacrônica de*

fixações, recalcamentos e regressões.” (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 126)

A maldade, que tem como um dos sinônimos perversidade, está relacionada a todos os seres humanos, isto é, não é um atributo exclusivo e intrínseco às perversões.

Em 1927, com a publicação de “Fetichismo”, um passo será dado na teoria que mudará todo o cenário de como se configuraria a perversão.

Trazido inicialmente em “A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade” (1923), a ideia de uma *Verlugnung* (recusa/renegação) da observação da diferença anatômica entre o homem e mulher sustentou a teoria da primazia do falo. No texto de 1927, então, a *Verlugnung* consiste num “*mecanismo perverso através do qual o sujeito faz com que coexistam duas realidades contraditórias: a recusa e o reconhecimento da ausência do pênis na mulher*” (Roudinesco, 1998, p. 656). A construção do fetiche se dá a partir desta renegação; o fetiche é um substituto do pênis da mulher.

“Esse processo de unificação concluiu-se na noção, que se tornou cada vez mais corrente, de estrutura perversa. Esse termo retirou parte de seu prestígio do estruturalismo, ou, pelo menos, do movimento de ideias que se convencionou designar por essa palavra, e resumiu diversas posturas teóricas gerais essencialmente compatíveis entre si. Em primeiro lugar, ela se situa diferenciadamente em relação a outras estruturas cujo conjunto baliza o campo da psicopatologia: a estrutura perversa só existe em relação à estrutura neurótica e à estrutura psicótica (...)” (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 131).

Jacques Lacan (1901 – 1981) traz em sua teoria uma maior precisão

conceptual à estrutura perversa. No texto de 1962, “Kant com Sade”, mostrou que *“a estrutura perversa se caracteriza pela vontade do sujeito de se transformar num objeto de gozo oferecido a Deus, tanto ridicularizando a lei quanto por um desejo inconsciente de se anular no mal absoluto e na auto-aniquilação”* (Roudinesco, 1998, p. 586).

Uma vez realizado, nesta pesquisa, um percurso sobre a ampliação e modificação do conceito de perversão na obra de Sigmund Freud, podemos, novamente e com a força da psicanálise de Freud do início do século XX, utilizarmo-nos deste material para questionar as categorias em voga da psicopatia/transtorno de personalidade antissocial na nosografia psiquiátrica atual. A Unidade Experimental de Saúde (UES), fundada no ano de 2006 e destinada a jovens sob medida socioeducativa de internação que tiveram suas condutas diagnosticadas como antissocial, é um dos exemplos da atualidade que evidencia o determinismo da psiquiatria e o seu reducionismo às práticas profissionais de saúde nas fronteiras psi-jurídicas.

Para o meu próximo estudo desejo discutir a perversão a partir dos seminários lacanianos, bem como examinar a clínica psicanalítica do perverso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. A literatura e o Mal. Editora Ulisseia: Lisboa, 1957.

CASTRO, Silvia Lira Staccioli. “Aspectos teóricos e clínicos da perversão”. Dissertação de Mestrado pela PUC-Rio, 2004.

CID-10| Organização Mundial da Saúde; tradução Centro Colaborador da OMS para a classificação de Doenças em Português. 9.ed. Rev. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud: edição *standart* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____ Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)/Vol. VII
- _____ Personagens Psicopáticos no palco (1905)/Vol. VII
- _____ O Esclarecimento Sexual das crianças (1907)/Vol. IX
- _____ Fantasias Histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908)/Vol. IX
- _____ Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna (1908)/Vol. IX
- _____ Sobre as Teorias Sexuais das Crianças (1908)/Vol. IX
- _____ Cinco Lições da Psicanálise (1910 [1909])/Vol. XI
- _____ Leonardo da Vince e uma Lembrança de sua Infância (1910)/Vol. XI
- _____ Uma dificuldade no caminho da Psicanálise (1917)/Vol. XVII
- _____ ‘Uma Criança é Espancada’. Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais (1919)/Vol. XVII
- _____ Além do Princípio do Prazer (1920)/Vol. XVIII;
- _____ A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade (1923)/Vol. XIX;
- _____ O Problema Econômico do Masoquismo (1924)/Vol. XIX;
- _____ A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)/Vol. XIX;

- _____ O Futuro de uma Ilusão/Vol. XXI;
- _____ O Mal-Estar na Civilização (1930 [1929])/Vol. XXI;
- _____ Fetichismo (1927)/Vol. XXI
- _____ A divisão do ego no processo de defesa (1938 [1940])/Vol. XXIII
- _____ Esboço de psicanálise (1938 [1940])/Vol. XIII

GOLDGRUB, Franklin. Trauma, amor e fantasia – história lógica da teorização do inconsciente na obra de Freud. A construção da identidade sexual, Página 63. Editora Samizdat. 2^a edição. São Paulo, 2008.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O Mal radical em Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

HOUAISS, Antônio e VILLA, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Metamorfoses entre o sexual e o social: Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KEHL, Maria Rita. Publicidade, perversões, fobias. Ide (São Paulo). [online] vol. 31, n.46, p.p. 27 – 32., 2008.

KOGURT, Eliane Chermann. Perversão em Cenas: Os filmes ‘Perdas e Danos’ e ‘Lua de Fel’ discutidos cena a cena – uma visão psicanalítica. São Paulo: Escuta, 2004.

KRAFFT-EBING, Richard von. Psychopathia Sexualis: a Medico-Forensic Study. Translation from the latim by Dr. Harry E. Wedeck – The United States of America: G. P. Putnam’s sons, 1965.

LANTERI-LAURA, Georges. Leitura das Perversões: história de sua apropriação médica; trad. Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

MANNONI, Maud. Elas não sabem o que dizem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NUNES, Silvia Alexin. O corpo e o diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos. Trad. André Telles; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ROUDINESNCO, Elizabeth e Plon, Michel. Dicionário de psicanálise. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

VEGH, Isidoro. A clínica Freudiana. São Paulo: Editora Escuta, 1989.

VOLNOVICH, Jorge. A psicose na criança. Tradução de Andréa Campos Romanholi, Daniela Reis e Silva, Maria Regina José Abrantes. Capítulo I – A criança, a família e a história. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1993.